

Em comemoração ao 25º número da *Ítaca*

Celso Martins Azar Filho

Fico muito feliz de retornar à *Ítaca* – agradeço aos editores o convite; e ao rever agora o artigo "Montaigne e Sexto Empírico", percebi que graças ao meu exemplar do primeiro número da revista ainda o tenho, pois deste não possuo nenhuma outra cópia digital ou em papel. O que me lembrou, também por isto, de agradecer direta e publicamente a todos os colegas que trabalharam e trabalham na organização da revista: sei bem que não é um trabalho fácil.

* * *

Foi o primeiro artigo que escrevi, mas o segundo que publiquei (embora ambos no mesmo ano de 1994). cursava o mestrado em filosofia do IFCS-UFRJ quando o elaborei. Naquele momento, havia chegado a uma espécie de impasse em minha pesquisa: tentando entender e definir o ceticismo montaigniano, dificultava-me o passo uma contradição cada vez mais evidente entre a classificação tradicional do ensaísta como cético sem mais e aquilo que os *Ensaaios* me pareciam pretender como projeto filosófico.

Seria preciso realizar uma crítica do método e/ou estilo montaigniano como tal para abrir caminho em direção à noção de "ceticismo ensaístico" que tentei defender na dissertação¹, noção que desde então tem me servido de base. Tenho mesmo a impressão de que ao longo dos anos principalmente persegui nos *Ensaaios* esta sua concepção de método que já no seu título se expressa – concepção tão cara ao seu autor, quanto à posteridade. Esperava assim, em suma, compreender melhor o que devem ser a ciência, a sabedoria, a filosofia, ou o verdadeiro conhecimento – a partir de uma concepção filosófica que efetivamente experimenta elaborar uma nova forma de pensar: ensaio.

¹ A qual, ao contrário de minha tese, já se encontra publicada (algo modificada para tentar servir de introdução aos estudos renascentistas): *A filosofia de Montaigne - Introdução ao pensamento renascentista*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2009.

Todavia, o artigo em si mesmo me parece hoje mais colocar problemas do que resolvê-los; e seus defeitos, não de fundo, mas de ordenação e sustentação das questões em pauta – o que significa dizer, problemas na estrutura de sua redação mesma – fazem com que o reescrever para corrigi-lo já não valha a pena. Por outro lado, ao menos de um ponto de vista geral, quero crer que suas conclusões gerais permaneçam, mesmo não tendo sido levadas ao seu necessário acabamento. O que teria porventura trazido mais clareza aos objetivos do artigo, ainda que dificilmente estabelecido vias seguras de resposta aos problemas em causa – problemas relativos ao sentido mesmo do que chamamos filosofia em relação à disposição cética, e que foram lá apenas aflorados. Curiosamente, o todo do escrito em suas poucas páginas tem certa graça por conta de um encadeamento por vezes interessante de ideias.

* * *

Lendo então Sexto Empírico para mapear sua presença nos *Ensaíos*, percebia certa diferença em suas definições do pensamento filosófico. E Montaigne parecia ter se distanciado propositalmente do conceito de filosofia expresso na obra do cético antigo. Pois é certo que no célebre discurso sobre o ceticismo na *Apologia*² em que o ensaísta repetidamente descreve os céticos como filósofos, sua inspiração quase textual é Sexto. Contudo, em outros textos cruciais nosso médico voltar-se-á contra a filosofia em si mesma, para distanciar-la da "habilidade cética" (como já parece simultaneamente acontecer de forma implícita também nas passagens em que se caracteriza o cético como filósofo). Ora, se é verdade que nos *Ensaíos* encontramos uma crítica por vezes severa da filosofia, lemos aí também um elogio no mínimo tão forte quanto – e um constante *sapere aude* que, além de se destacar de todo obscurantismo, não poderia ser assimilado sem mais ao ceticismo tradicional.

Mas algo semelhante a forma como Sexto escreve uma espécie de compilação, tornando-se um tipo de arquivista de argumentos (e daí inclusive sua importância como fonte), por acreditar no poder curador da palavra (não em sua autoridade, mas pela sua força mesma), também o ensaísta muito frequentemente

² *Ensaíos* II, 12, 500-512: cito segundo a edição de Pierre Villey: Paris: PUF, 2004 (creio que esta é a última edição).

instrumentaliza argumentos e pontos de vista de outras elaborações filosóficas em favor de sua própria filosofia. E assim tanto está na vizinhança dos céticos, quanto destes se distancia, podendo inclusive voltar-se contra as suas posições. Pierre Hadot³ chama atenção para como o ceticismo é mais uma tradição espiritual, do que propriamente uma escola. A recepção e reelaboração da disciplina em que fundamentalmente esta tradição consiste, nos *Ensaaios* faz parte de uma empresa mais ampla. De todo modo, a obra de Sexto Empírico permanece sendo fundamental na formação da filosofia montaigniana, esta, porém, visa além da terapêutica lógico-psicológica.

O ceticismo ensaístico não é apenas negativo, mas parte da multiplicação e variação de perspectivas para integrar a atitude cética à filosofia ensaística. Os *Ensaaios* tomam a referência pirrônica e/ou acadêmica – mas também a epicurista, a estoica, a cínica, etc – como base de um projeto de construção de uma "nova linguagem" que Montaigne pensou fazer falta aos céticos antigos, a qual resulta em um trabalho tão extenso e profundo com relação à expansão e potencialização de suas propriedades expressivas que chega efetivamente a produzir um texto com uma força imagética única, e principalmente se consideramos o projeto filosófico aí envolvido como pintura do "moi". Basta notar, com Auerbach⁴, como neste texto a vida humana se tornará complexa, no sentido moderno, pela primeira vez. Quando percorremos a obra de Sexto, entretanto, tomamos contato com uma disposição diversa com relação à linguagem, em que esta importa sobretudo em função de seus fins instrumentais – marcadamente, a capacidade depurativa que constitui seu objetivo principal como meio da imperturbabilidade, fim moral mais ou menos geral das filosofias helenísticas. No entanto, diferente dos céticos antigos, e mais próximo dos humanistas, para além ou ao lado da potência reflexiva, lógica, da linguagem, Montaigne trabalha com sua influência simpática sobre o espírito humano: desde os primeiros capítulos do primeiro livro dos *Ensaaios* esboça-se uma fisiologia da percepção e da ação que constitui parte central da filosofia ensaística, na qual toda linguagem assume também o caráter de gesto e sintoma.

³ *Exercices spirituels et philosophie ancienne*. Paris: Albin Michel, 2002, p. 265.

⁴ *Mimesis*. Bern: A. Francke AG Verlag, 1946, p. 275.

Não descartemos, porém, a possibilidade de uma concordância de fundo entre ambos os pensadores no que se refere à capacidade da razão, teoria, sabedoria, ciência, ou como se queira chamar, humanas: há uma disposição destrutiva que necessariamente pertence ao método destes autores como parte integrante e produtiva – lição socrática por excelência. E em ambos os casos, temos uma estilização da expressão na qual precisamente reside o milagre, por assim dizer. Mas uma diferença fundamental, e inegável, mesmo aí permanece justamente com relação ao papel filosófico que ambos conferem à linguagem: no caso de Sexto, leva-se ao extremo a ideia de uma terapia que encontra no argumento seu principal remédio; no caso de Montaigne, a moldagem retórica da empresa de uma educação estética no campo da filosofia moral, de forma a elaborar critérios e medidas em sua experiência mesma, moldando-os e testando-os simultânea e continuamente em um processo de leitura e interpretação que envolve mundo e texto, pensamento e ação, autor e leitor.

* * *

Quando da publicação do primeiro número da *Ítaca*, estávamos ainda saindo do que se poderia chamar de época heroica da pós-graduação em filosofia no Brasil. Hoje, mais do que um cenário de personalidades e obras singulares como naquele tempo, tivemos condições de estabelecer um debate entre grupos de pesquisa. O perigo está no estabelecimento rígido de critérios que sempre serão apenas possíveis. Como em outros domínios, o risco de que o número dos que tem certa opinião, ou ainda que a opinião daqueles que conseguem se articular melhor, passe a ser o critério de avaliação é constante. Este é um perigo terrível para qualquer área do conhecimento, pois leva às escolas, e seu beijo da morte esterilizante – ou seja, encastelamento na opinião dos pares; exatamente o contrário do que o senso comum percebe como "o espírito renascentista", espécie de motivação que poderíamos qualificar como sendo "de fundo" nas disposições gerais do movimento humanista: uma revolução formal que não visava simplesmente a forma, mas a deixar ver e ser para além das possibilidades de compreensão/ação então ordinárias.

É bastante impressionante quando folheamos aquele número da inicial da *Ítaca* a quantidade de autores que se tornaram professores e pesquisadores de destaque; e mais impressionante ainda

que a qualidade das contribuições, a diversidade das pesquisas lá apresentadas. Será que hoje seríamos capazes de tanto? De abrigar diferenças com tanta competência quanto foram nossos mestres?

